

Prefácio

Este livro compõe-se de três partes, que se completam, na tentativa de apresentar uma visão geral das transformações políticas e ideológicas por que vem passando a sociedade industrial da segunda metade do século XX.

A hipótese geral deste trabalho é a de que o poder político e o poder econômico nas sociedades industriais modernas está se transferindo cada vez mais para as mãos da tecnoburocracia. Depois do capitalismo está surgindo em todo o mundo um sistema econômico, político e cultural dominado por técnicos e administradores profissionais, o qual, em nome de um racionalismo eficientista, vai estabelecendo no mundo um tipo de sociedade cada vez mais repressivo e totalitário. Contra essa tendência ao estabelecimento de sociedades tecnoburocráticas, e antes mesmo que este fenômeno acabe de ocorrer, já se levanta toda uma revolução jovem, uma contracultura que pretende contestar de forma radical toda a cultura tecnoburocrática, já identificada com a ordem estabelecida.

Na primeira parte do livro, começamos com uma crítica à previsão de Marx de que, depois do capitalismo viria necessariamente o socialismo. Mostramos, então, como a classe operária perdeu qualquer força revolucionária. Mais ainda, procuramos demonstrar como não é jamais a luta de classes interna ao sistema que derruba a ordem estabelecida, mas é o surgimento de uma nova classe ou grupo sócio-econômico externo ao sistema, que irá provocar o estabelecimento de uma nova ordem social.

No segundo capítulo, examinamos o surgimento do novo fator estratégico de produção: a técnica. Esta, devido a seu enorme desenvolvimento, se torna de tal forma importante no mundo moderno, que ganha substância própria, transformando-se no principal elemento configurador da sociedade tecnoburocrática. Nos três capítulos seguintes examinamos a emergência da tecnoburocracia através de revoluções comunistas, das revoluções mi-

litares e, nos países desenvolvidos capitalistas, da revolução dos gerentes. Em relação a esta última, fazemos uma crítica da posição da velha esquerda, que insiste em negar a emergência da tecnoburocracia, na medida em que não tem condições para criticá-la radicalmente; na medida em que, apoiando-se em uma visão marxista do mundo, é vítima da ideologia tecnoburocrática, racionalista e utilitarista, tanto quanto o são os defensores dessa mesma ordem tecnoburocrática.

Sempre procurando utilizar um método histórico-dialético, é apenas no sexto capítulo que definimos técnicos, tecnoburocracia, distinguimos técnicos e burocratas de cientistas e relacionamos tecnoburocracia com democracia. Em seguida, fazemos a análise da ideologia tecnoburocrática. Apoiada no racionalismo, ela o reduziu ao utilitarismo eficientista. A eficiência torna-se assim o valor máximo a ser atingido, tudo a ela se subordinando.

Finalmente, no último capítulo da primeira parte, depois de tentarmos uma crítica radical da sociedade tecnoburocrática, fazemos uma rápida introdução à contestação jovem, à contracultura que, a partir dos anos sessenta, começou a desafiar a nova ordem estabelecida.

Na segunda parte, depois de examinarmos as principais evidências da revolução estudantil, que abalou todo o mundo a partir dos anos sessenta, perguntamo-nos a respeito das causas dessa revolução. Inicialmente excluimos as causas que consideramos superficiais ou falsas — infiltração comunista, preocupação com a reforma universitária — e, definimos o descompromissamento dos jovens e a existência de injustiça no mundo como condições permanentes e não como causas da revolução estudantil. As causas reais estão ligadas a fatos novos, históricos, que vieram dar um sentido e uma importância nova à ação política dos estudantes. O desenvolvimento tecnológico do último século constitui o quadro de fundo desses fatos novos. Mais especificamente são eles: a revolução na educação, a dissolução da família patriarcal, a crise do racionalismo e a massificação estudantil.

Examinamos, em seguida, a ideologia dos novos revolucionários em potencial. Verificamos então que se trata de uma ideologia que deve muito ao marxismo e ao anarquismo. E' eminentemente idealista, senão utópica, caracterizando-se por grande autenticidade moral. E' uma ideologia aberta, pouco definida. E' mais negativa do que afirmativa, na medida em que se concentra na crítica violenta da sociedade industrial tecnoburocrática em que vivemos. Não obstante, pretende oferecer uma solução que será encontrada através da práxis, à medida que evolui o processo revolucionário.

Finalmente, esta é uma revolução que, embora tenha abalado países tão diferentes como a França, os Estados Unidos, a China, a Argentina, não logrou ainda êxito. Sofre do problema da falta de organização e da transitoriedade. Além disso, falta-lhe o controle, seja dos meios de produção, seja dos armamentos,

de forma que grandes são os obstáculos à sua efetivação. A revolução estudantil pode, porém, ser continuada pelos intelectuais não-comprometidos, que dão mais viabilidade à mesma.

Na terceira parte examinamos a revolução política na Igreja Católica. Nossa hipótese é a de que a Igreja, que até há pouco era parte integrante e sustentáculo da ordem estabelecida, está passando por uma profunda transformação política, através da qual a Igreja se desvencilha de seus antigos privilégios e compromissos ao mesmo tempo que amplos setores da mesma vão se constituindo em uma ameaça ao sistema de poder vigente.

Este fenômeno tem âmbito mundial, embora seja mais acentuado na América Latina. Está ligado ao amplo processo de reconciliação da Igreja com o mundo moderno. A Igreja, durante séculos, representou a própria ordem estabelecida. A partir da Renascença, transformou-se em força auxiliar das elites dominantes. Sua função era sacralizar o sistema de valores, crenças e normas que garantiam a vigência da ordem estabelecida. A medida, porém, que foi ocorrendo a revolução industrial, que o Estado foi se burocratizando, que a sociedade foi melhor se organizando, foi também se tornando capaz de tornar efetivo seu próprio sistema de sanções. Nesses termos, tornava-se cada vez mais dispensável a sacralização da ordem estabelecida desempenhada pela Igreja.

Era preciso, portanto, que a Igreja encontrasse novos papéis. Ao invés disso, porém, ela, em primeiro momento, combateu com todas as suas forças esse mundo moderno que a ameaçava.

Entretanto, essa política era suicida. A Igreja foi perdendo as elites. A Cristandade, ou seja, o sistema de poder do qual a Igreja é parte integrante, desintegrou-se. E agora também as massas populares ameaçavam abandonar a Igreja pelo ateísmo ou, no caso da América Latina, por religiões mais ajustadas às necessidades de adaptação social das classes baixas à vida urbana.

Em face a essa situação perigosa, abandonada pelas elites e em processo de ser abandonada pelas massas, a Igreja entrou em um profundo processo de renovação em todos os seus setores. Esse processo foi marcado, no plano mundial, por algumas grandes figuras, como a do Padre Teilhard de Chardin e por João XXIII, e por um grande acontecimento, o Concílio Vaticano II. No plano político, principalmente na América Latina, houve um grande processo de transformação da Igreja, que hoje se constitui em uma das forças vivas de mudança social e política da América Latina. Não pretendemos que essa revolução na Igreja tenha sido completa e radical. A Igreja é uma organização burocrática que se transforma lentamente e que não pode comprometer-se institucionalmente com uma revolução. Entretanto, amplos setores da Igreja, inclusive sua hierarquia, vêm se comprometendo com a revolução. O mundo e particularmente a América Latina assistem efetivamente a uma revolução política na Igreja.

Este livro foi escrito entre 1968 e 1971. O ensaio sobre a revolução estudantil foi iniciado em março e terminado em agosto daquele ano. O ensaio sobre a revolução na Igreja Católica foi escrito durante 1969. O primeiro ensaio, sobre a emergência da tecnoburocracia, escrito entre fins de 1970 e setembro de 1971, deu ao trabalho a unidade que lhe faltava. Dentro do processo de transformações econômicas, políticas e culturais por que está passando o mundo, a primeira e a segunda parte deste livro abordam temas centrais: tecnoburocracia e revolução jovem. A revolução na Igreja é um tema um pouco mais especializado, embora esteja intimamente relacionado com os anteriores. Este livro não pretende ser um exame de problemas conjunturais da atualidade, mas uma tentativa de detectar algumas das transformações estruturais básicas por que está passando o mundo moderno. Nesses termos, o espaço de mais de três anos entre seu início e seu término não deverá em princípio prejudicar a validade e o significado da análise realizada.

Dedico este livro à minha mulher, Vera Cecília, que sempre soube me apoiar e ajudar enquanto o redigia. Nossos diálogos transparecem em muitas partes deste livro.

Nestes ensaios e particularmente em relação ao último, tenho um débito particular para com o Esdras Borges Costa. Outros professores da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas que muito me ajudaram com suas críticas e sugestões foram Antônio Angarita Silva, Manoel Berlinck, Carlos Estêvão Martins, Cândido Bueno Azevedo, Orlando Figueiredo, Fernando Cláudio Prestes Motta, Yoshiaki Nakano, Dennis Cintra Leite, Eduardo Matarazzo Suplicy e Fábio Mariotto. Foram também muito importantes as contribuições que recebi, através de longas conversas com Sylvio Pereira, meu pai, Sílvio Luiz Bresser Pereira, Fernão Carlos e Sônia Botelho Bracher, Fábio Aidar, Luiz e Maria Olímpia Ferreira França e Rose Marie Muraro. Deve ficar claro, porém, que o único responsável pelas posições assumidas e pelos erros cometidos é o próprio autor. Agradeço finalmente à minha secretária, Cornélia Nakayama, que datilografou e revisou este trabalho.

L.C.B.P.

São Paulo, setembro de 1971